

Maratona de Programação atrai apaixonados pelo desafio

Estudantes do curso de Ciência da Computação da UFG se preparam para a final nacional da competição que exige concentração, raciocínio e trabalho em equipe

Michele Martins

Nos dias 4 e 5 de novembro, a Universidade Federal de Goiás (UFG) sediará a final nacional da Maratona de Programação, um evento promovido pela Sociedade Brasileira de Computação (SBC) desde de 1996. Estudantes da UFG têm registrado presença na competição desde 2006, quando o evento passou a ser organizado em parceria com a Fundação Carlos Chagas e a empresa IBM. Agora eles ganham destaque, sendo uma das equipes do Centro-Oeste com mais chances de alcançar uma boa classificação na final nacional.

O trio que representará a UFG este ano é formado pelos estudantes do curso de Ciência da Computação Paulo César Pereira Costa, Murilo Adriano Vasconcelos e Wisllay Martins Vitrio dos Santos. O professor do Instituto de Informática, Humberto José Longo, que tem acompanhado e estimulado os estudantes, explicou como tem sido a participação da UFG na competição: “formamos uma equipe e passamos a ter treinamentos constantes. Em 2006 ficamos em segundo lugar na regional. No ano seguinte conseguimos participar da final nacional. Em 2010 ficamos em 20º lugar

O que é a Maratona? – A Maratona nasceu das competições regionais classificatórias para as finais mundiais do concurso de programação *International Collegiate Programming Contest*, organizado pela ACM, entidade americana semelhante à SBC. Destina-se a alunos de cursos de graduação e início de pós-graduação na área de Computação e afins (Ciência da Computação, Engenharia de Computação, Sistemas de Informação, Matemática e outros).

A competição consiste na resolução do maior número possível dos oito ou mais problemas propostos em um período de cinco horas, por uma equipe de três integrantes. Os maratonistas têm à sua



Jaqueline Telis

Dedicação total da equipe composta por Murilo Vasconcelos, professor Humberto José Longo, Wisllay Martins e Paulo César Costa

disposição apenas um computador e material impresso (livros, listagens, manuais) para concluir o desafio. A intenção é proporcionar aos estudantes o aprimoramento da criatividade, da capacidade de trabalho em equipe, da busca de novas soluções de software e da habilidade de resolver problemas sob pressão.

A Maratona de Programação acaba se tornando uma vitrine de futuros profissionais muito cobiçados por grandes empresas de tecnologia e de informática. “Conheço alunos que participaram das maratonas que hoje estão na pós-graduação ou bem colocados no mercado de trabalho”, informou Humberto.

O desafio – O grau de dificuldade das questões é variável e a principal estratégia é procurar as mais fáceis e fazê-las primeiro. Os problemas não envolvem somente números e contas, por isso saber interpretar as questões, que nem sempre requerem conhecimento de técnicas mais sofisticadas, é o grande diferencial na disputa. Wisllay Martins explica que é preciso muita criatividade para resolver os problemas que, em muitos casos, são baseados no coti-

diano. Para Murilo Vasconcelos uma boa estratégia é identificar as habilidades de cada pessoa: “sempre tem um que é melhor que o outro em determinado aspecto, então as habilidades individuais têm de se complementar, o objetivo é maximizar os recursos que temos”, explicou.

Nem sempre é possível responder a todas as questões. De acordo com as regras, para cada resposta que os juízes julguem incorreta é atribuída uma penalidade de tempo. O time que conseguir resolver o maior número de problemas, no menor tempo acumulado, considerando as penalidades, caso haja empate, é declarado vencedor. É neste momento que a pressão torna-se evidente.

Mas o clima de disputa é marcado também por momentos de descontração. Uma descontração especialmente calculada. A cada questão resolvida corretamente a equipe ganha um balão colorido para marcar a pontuação. Os balões são recebidos com algazarra, o que tira a concentração dos outros competidores. Humberto Longo contou que na primeira vez em que competiu, a equipe da UFG não teve um desempenho melhor

por causa dessa estratégia. “A equipe de Brasília tinha escolhido como mascote um peru e toda vez que conseguiam solucionar um problema e pontuar, eles faziam a maior algazarra imitando o animal. O efeito disso para a nossa equipe foi um desastre. Não conseguimos se concentrar mais. Segundo o professor, os participantes voltaram irritados com a situação e no ano seguinte a equipe já tinham também um mascote: o macaco-prego, tão comum no Câmpus Samambaia. “Por isso a nossa equipe é conhecida pelo nome de Monkeys”, informou Murilo Vasconcelos.

Preparação – Atualmente mais de 500 equipes brasileiras disputam a competição em duas fases: as regionais e a final. Ao longo do ano, cerca de 40 instituições organizam as disputas em caráter regional e cerca de 50 equipes se classificam para a última fase, a final nacional.

Para estimular a participação de mais estudantes e auxiliar os competidores na preparação foi oferecida uma disciplina de núcleo livre no Instituto de Informática voltada para a Maratona. “Criamos a disciplina Tópicos Avança-

dos em Programação e temos registrado estudantes das Engenharias, Medicina e até Filosofia”, comentou o professor Humberto.

O perfil do estudante maratonista é de dedicação total e de muito entusiasmo. Além dos treinamentos na universidade, é muito comum eles participarem de disputas paralelas promovidas por fóruns na internet que disponibilizam problemas. “Existem diversos sites com problemas e corretores automáticos em padrões muito semelhantes aos encontrados na Maratona. Existe até um *ranking* mundial e competições organizadas por empresas que atraem os competidores pelos prêmios”, concluiu Murilo Vasconcelos.

Paulo César Costa mesmo durante as férias de julho houve treinamentos da equipe que chegava a passar até seis horas por dia estudando. “Como se trata de uma atividade que exige o raciocínio e a criatividade, acaba sendo uma diversão pensar em soluções e discuti-las com os colegas. Para mim, é uma arte resolver os problemas”, declarou o estudante, entusiasmado.

Mundial – Em 2011 mais de 24 mil estudantes, representando 2.070 universidades de 88 países dos seis continentes, disputaram regionais em todo o mundo. Cerca de 100 participarão da final mundial, prevista para maio de 2012, na Polônia. Para tanto, serão classificadas cerca de 100 equipes. Todo ano seis ou sete equipes representam o Brasil no mundial e a da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) alcançou em 2010 o melhor desempenho. Com a resolução de cinco problemas, a equipe ocupou a 27ª posição. A melhor colocação latino-americana no mundial é da Universidade de Buenos Aires, que resolveu seis problemas e conquistou a 13ª posição.